◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2023

ANO 8 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: BIANCA SANTANNA

O aborto em um perspectiva anti-feminista

Cristã e estudiosa do tema, Bianca Santanna questiona veementemente o direito da mulher ao aborto

Repórter: Ronaldo Siqueira

Bianca Santanna compartilha sua firme oposição ao aborto, fundamentada em sua fé e na contradição percebida na legalização, destacando o valor da vida desde a concepção. Engenheira química por formação, mas profissional em uma agência de publicidade, Bianca, eventualmente é convidada para debater esse e outros temas em igrejas evangélicas. Nessas discussões argumenta contra a legalização com base no impacto desproporcional em comunidades, alegações de corrupção em organizações pró-aborto e estatísticas que indicam aumento dos casos após a legalização em alguns países.

MURAL ENTREVISTA – Quais são os princípios e valores que a levam a se opor à prática do aborto?
BIANCA SANTANNA – Minha objeção ao aborto tem raízes na minha fé bíblica, embora reconheça que não é imperativo compartilhar essa crença para se opor à prática. Em minha perspectiva, a legalização do aborto representa uma profunda inversão de valores. Ao endossar a ação de encerrar a vida de crianças indefesas sob a justificativa de um suposto direito humano, entramos em contradição como uma sociedade que se considera civilizada. Essa contradição é evidente quando confrontamos tal prática com o direito constitucional à vida, que é violado nesse contexto.

Em sua opinião, quando começa a vida humana e por que isso é relevante no debate sobre o aborto?
A discussão transcende a esfera científica, pois questões éticas, religiosas, morais e filosóficas ampliam o debate para além dos limites da pesquisa científica. Há um primeiro grupo que associa o início da vida ao momento da fusão do óvulo e do espermatozóide, formando o zigoto. Outra perspectiva, sustentada por alguns cientistas, coloca o início da vida no décimo quarto dia de gestação, quando o embrião se fixa definitivamente no útero, desencadeando a divisão celular e a formação de órgãos. A terceira teoria destaca o início da vida com a atividade cerebral do feto, ocorrendo entre a sexta e vigésima quarta semana de gravidez. A quarta teoria propõe que a vida começa quando o feto pode sobreviver independentemente, geralmente entre a vigésima quinta e vigésima sétima semana. Na minha visão pessoal, a vida inicia-se na concepção, alinhada à cosmovisão cristã. Dada à falta de consenso sobre o momento exato do início da vida, legalizar o aborto em qualquer estágio da gravidez seria, no mínimo, uma abordagem precipitada e leviana.

Quais argumentos você apresentaria para defender a posição de que o aborto deve ser ilegal em todas as circunstâncias?
O impacto desproporcional no genocídio negro, pois desde a legalização do aborto nos EUA em 1973, aproximadamente 28% da população negra foi afetada, em comparação com 10% da população branca. Outro fator é a corrupção em organizações pró-aborto, como a Planned Parenthood, líder no setor, que realizou 579 mil abortos em 2016, gerando uma receita de U$ 1.237 bilhão. A organização é responsável por 40% dos abortos nos Estados Unidos e o governo americano destina anualmente 500 milhões de dólares, em dinheiro dos contribuintes, para essa entidade. Outro argumento, baseia-se no autor Marlon Derosa, em seu livro "Precisamos falar sobre aborto: mitos e verdades", que examina estatísticas oficiais de 18 países que legalizaram o aborto. Sua conclusão é clara: a legalização resulta em aumentos significativos no número de abortos provocados.

Como você acredita que a proibição do aborto afeta as mulheres que se encontram em situações difíceis, como gravidez resultante de estupro ou risco à saúde da mãe?
Não há palavras capazes de expressar adequadamente a dor e indignação de uma pessoa moralmente saudável diante de um crime como este. No entanto, nenhum delito, por mais chocante e terrível, pode justificar o assassinato de um ser humano frágil e inocente no ventre materno. Alguns defensores do aborto utilizam casos de estupro como exemplo da suposta importância de conceder à mulher o chamado 'direito de escolha'. Outro equívoco do argumento abortista reside na suposição de que vítimas de abuso sexual que engravidam desejam automaticamente recorrer ao aborto. Estudos, como o conduzido por Sandra Mahkorn, especialista no assunto, demonstram o oposto: entre 75% e 85% dessas mulheres desejam prosseguir com a gestação. Contrariamente à mídia e à "cultura da morte", o aborto, longe de aliviar a dor do estupro, apenas intensifica o drama enfrentado por essas mulheres. Muitas relatam a experiência traumática do aborto. Conforme Santo Tomás de Aquino, qualquer lei humana só é válida na medida em que está de acordo com a lei natural. Uma norma que autoriza mães a tirarem a vida de seus próprios filhos, em qualquer circunstância, é uma arbitrariedade. Nenhum crime, por mais horrendo que seja, pode justificar o assassinato de um ser humano frágil e inocente no ventre materno.

Alguns argumentam que a legalização do aborto é importante para garantir a segurança das mulheres que optam por interromper a gravidez. Qual é a sua opinião sobre a segurança e a saúde das mulheres nesse contexto?
O aborto não é, em hipótese alguma, seguro para as mulheres. Haja vista que esta decisão traz consequências, tanto físicas quanto mentais. É crucial compreender os impactos que essa escolha pode ter. O aborto provocado vem acompanhado de efeitos colaterais físicos que vão a perfuração do útero até embolia pulmonar ou insuficiência cardíaca. As repercussões do procedimento no corpo estendem-se às dimensões psicológicas. O médico Clemente de S. Pereira Rolim, especialista em Clínica Médica, pós-graduado pela Universidade Federal de São Paulo e Escola Paulista de Medicina, UNIFESP-EPM, identifica três fenômenos psíquicos predominantes em mulheres que passaram pelo aborto: sentimentos de remorso e culpa; depressão e oscilações de ânimo; e choro desmotivado, medos e pesadelos, além de outras consequências como a frigidez. No Reino Unido, o médico Gregory Pike, do Adelaide Centre for Biothics and Culture, compilou pesquisas realizadas globalmente e publicou um estudo que revela que o suicídio é cerca de seis vezes mais frequente após o aborto do que após o parto. Outro dado é associação do aborto a taxas maiores de mortalidade para as mulheres até dez anos após a interrupção, em comparação com aquelas que dão à luz. Concluindo, independentemente da forma como é realizado, o aborto provocado evidencia implicações sérias para a saúde mental e emocional das mulheres, conforme revelado por fontes já mencionadas anteriormente. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO
Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO
Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO
Janio Warlem (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)